

VIDAS RURAIS, OLIVAIS E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM: ALENTEJO, 2020

por

Ricardo de Campos¹
Ema Pires²

Resumo: Este texto é sobre transformação da paisagem e seus impactos sociais no Sul de Portugal. O enfoque empírico é centrado numa micro-região do Norte Alentejano, confinante com os concelhos de Alter do Chão e Crato. Apresentam-se aqui resultados preliminares de uma investigação (em curso) sobre memórias da ruralidade e(m) contextos de transformação paisagística motivados pela instalação no território de um olival (super)intensivo. A abordagem metodológica envolve pesquisa documental e pesquisa etnográfica exploratória.

Palavras-chave: Paisagens Rurais; Olival; Etnografia.

Abstract: This text is about landscape transformation and its societal impacts in Southern Portugal. The empirical focus is centered on a micro-region of the North Alentejo, bordering the municipalities of Alter do Chão and Crato. The paper presents preliminary results of an (ongoing) investigation on memories of rurality and (m) contexts of landscape transformation motivated by the installation in the territory of a (super) intensive olive grove. The methodological approach involves documentary research and exploratory ethnographic research.

Keywords: Rural Landscapes; Olive groves; Ethnography.

Este ensaio explora processos sociais de transformação da paisagem no Sul de Portugal e seus impactos sociais. A presente pesquisa encontra-se em fase inicial, porém estrutura-se em articulação com outros trabalhos em desenvolvimento³, de

¹ Sociólogo, Doutor em Sociologia pela UNESP. Professor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG (Brasil) e pesquisador associado do CICS.Nova.UÉvora (Portugal). E-mail: sapiacampos@ufg.br.

² Antropóloga, Doutora em Antropologia pelo ISCTE-IUL. Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora/Escola de Ciências Sociais) e investigadora integrada no IHC.UÉ, Portugal. E-mail: epires@uevora.pt. Este texto não segue as regras do mais recente acordo ortográfico.

³ No âmbito do projecto “Território, Empreendedorismo e Pequena Agricultura em Aldeias do Centro-Sul de Portugal” cadastrado na FCS/UFG, e articulado a uma pesquisa de pós-doutoramento na UNL.IHC. UÉvora intitulada “Território, Agricultura e Ruralidade em Aldeias do Centro-Sul de Portugal, a partir da revisão dos temas: Baldios, Camponeses e Proletarização Agrícola”.

onde se produziram outros resultados (CAMPOS & PIRES, 2020). O enfoque empírico é centrado numa micro-região do Norte Alentejano confinante com os concelhos de Alter do Chão e Crato. Apresentamos resultados preliminares de uma investigação (em curso) sobre memórias da ruralidade e(m) contextos de transformação paisagística motivados pela instalação no território de um olival (super)intensivo. A abordagem metodológica envolve pesquisa documental e pesquisa etnográfica exploratória, materializada em práticas de observação directa exploratória, e captação de registos fotográficos do território envolvente da Estação da Chança. Complementarmente, foram realizadas duas entrevistas de grupo e 4 entrevistas exploratórias presenciais. A recolha de dados que enformam a base empírica do presente ensaio teve lugar (em modalidade presencial e/ou a distância), entre Novembro de 2020 e Janeiro de 2021. Entretanto, a situação pandémica de confinamento obrigatório promulgada pelo Estado Português em Janeiro de 2021 motivou a suspensão (por tempo indeterminado) do processo de recolha presencial de dados sociológicos e etnográficos.

INTRODUÇÃO: ESTAÇÃO, HERDADE



Fig. 1. *Sem título.* ©Autores (2020).

A freguesia de “Chancelaria”, com cerca de 500 habitantes, pertence ao concelho de Alter do Chão, Distrito de Portalegre, e está situada no Norte Alentejano, também designado localmente como Alto Alentejo. Esta micro-região é atravessada pelo troço ferroviário da “linha do Leste”. Segundo Vaz, esta linha, que remonta à segunda metade do século XIX, terá ligado por ferrovia o território português a Badajoz em 1863 e nas suas opções da sua construção em Portugal esteve subjacente, entre outros aspectos, a vontade de ligar Lisboa a Madrid e Portugal à Europa (VAZ, 2015, p. 268). Uma imagem fotográfica consultável na página dedicada ao ‘Apeadeiro de Chança’ na plataforma colaborativa *Wikipedia* dá conta de que nas últimas décadas do século XIX esta ligação ferroviária para Espanha tinha paragem nesta localidade. A circulação de comboio nesta linha foi suspensa durante os anos da Troika em Portugal (PIRES, 2020) e seria, entretanto, retomada a partir de 2015. Desde então, o edifício da estação ferroviária encontra-se encerrado e inabitável para o uso por passageiros, mas a linha férrea continua em actividade com dois comboios por dia, um dos quais circula pela manhã no sentido “Entroncamento-Badajoz” e o outro em sentido inverso, circula ao final da tarde. Os passageiros compram o título de transporte no próprio comboio, dado o facto de que a bilheteira da estação e todos os outros pontos de entrada no edifício se encontram emparedados. O tráfego de comboios não deixa de desvendar que, se o comboio continua a passar e a parar, a paisagem envolvente e o aglomerado habitacional dos edifícios da estação estão num processo de degradação efectiva, degradados e abandonados, num cenário que oscila entre a ruína e o descaso público. Viajar, em 2020-2021 até à Estação da Chança é embarcar numa viagem sensorial por entre viveiros de olival super-intensivo, lama, casas destruídas, máquinas agrícolas, tubos de rega, cheiro de glifosato, viveiro de oliveiras e os seus dejectos espalhados pelo chão da rua da gare da estação. Fazendo uma arqueologia breve dos dejetos do lixo, desvendamos as novas marcas no espaço: no chão há garrafas vazias de plástico para consumo de água, *couvettes* de plástico que outrora terão albergado oliveiras, e objectos para as oliveiras, entre outros objetos de plástico espalhados no chão.



Fig. 2. Rua de acesso à estação. ©Autores, 2020.

Em tudo o que o horizonte alcança, há sacos de plástico envolvendo plantas de oliveira, por seu turno plantadas ao longo de estradas lamacentas, com um metro de distância entre si. Uma paisagem de uma “plantação entubada e ‘monotonia organizada’, como bem designa Álvaro Domingues (2017, pp. 234, 241).

Apesar de ser nomeada como “Estação da Chança” nos documentos públicos e na placa toponímica que anuncia a localidade, o lugar é ainda conhecido pela população da micro-região acima de sessenta anos como “Estação do Pereiro, ou “Estação da Herdade do Pereiro”.

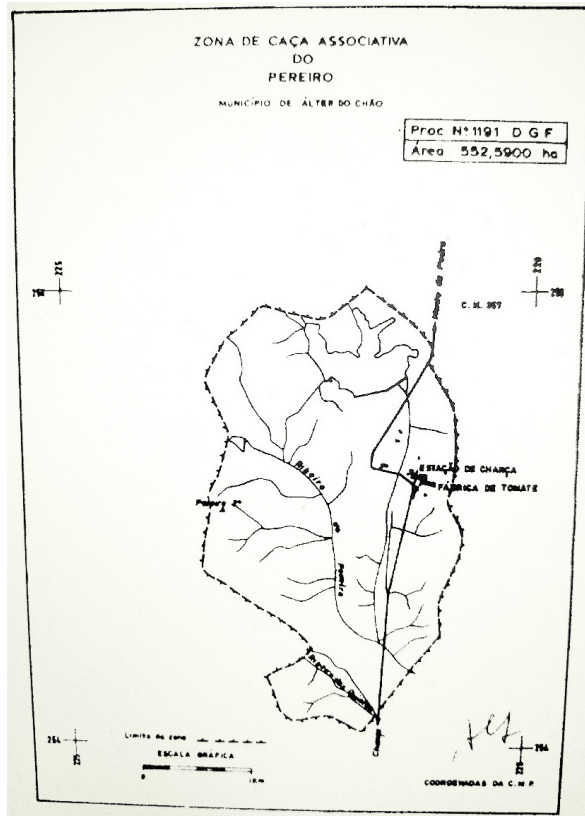


Fig. 3. Zona de Caça Associativa do Pereiro. ©Diário da República, 1992.

A nossa investigação que resulta na proposição deste texto é revisitar o passado recente (últimos 40 anos) desta estação através do depoimento de pessoas — habitantes locais — que viveram ou passaram por ali de forma efetiva. Isso por que a visita que fizemos ao local, motivados pela recém implantada, lavoura de olivais super intensivos, é pioneira nesta micro região do Alto Alentejo, apesar de enredar uma paisagem mais assente no médio e principalmente Baixo Alentejo. O cenário de espanto e surpresa visualizado quase obrigatoriamente pelos passantes da estrada que liga a vila da Chancelaria à estação da estrada de ferro, é surpreendente. Compondo o quadro de uma nova paisagem harmoniza olivais, que pela estandardização fazem lembrar um cemitério de guerra, com destroços de uma herdade que demonstra ter sido “mesmo grande”. No centro uma estação

de comboios rodilhada por destroços de uma grande casa agrícola que envolvem um cenário também de guerra e destruição.



Fig. 4. Casa em Ruínas; Fotografia tirada a partir a Gare da Estação de Chança. Em primeiro plano, os carris da linha férrea. Em segundo plano, uma cegonha pousada no telhado da casa em ruínas e a área envolvente de olival, pontuada por postes de electricidade. Ao fundo, são visíveis outras árvores. ©Autores, 2020.

HERDADE DO PEREIRO, ANOS 1960: PAISAGEM E MEMÓRIA SOCIAL DO ESPAÇO

Esta é uma herdade de grandes dimensões na micro-região, com mais de 500 hectares. Como nos lembra José João, “Há 300 anos, os ricos dividiam as terras melhores entre eles, os mais pequenos arrebanhavam as sobras” (Comunicação pessoal, 9 Dez 2020). Entrevistas realizadas a residentes desta micro-região dão conta de que, quando perguntamos sobre a Herdade do Pereiro a resposta recebida é “Aquele é uma terra boa, terra escura”. (Comunicação pessoal, 9 Dezembro de 2020). Segundo este entrevistado, José João: “Na Chança e na Cunheira a terra não presta para agricultura, mas ali (no Pereiro) é o coração, é um pedaço de terra muito boa. Foi entretanto comprada por espanhóis (Comunicação pessoal, 9 de dez. de 20).

No dia 21 de Dezembro de 2020, numa entrevista colectiva exploratória no café Boavista, localizado no Monte da Pedra, uma das freguesias rurais confinantes

com o território da Estação e Herdade do Pereiro, encontramos alguns/algumas dos seus antigos trabalhadores e usuários:

Idalina (67 aos) trabalhou na adolescência na Herdade do Pereiro, junto à Estação da Chança. A sua tia, Rosalina, era governanta do proprietário, o Sr. Jorge, e vivia na casa ao lado do Senhor. Idalina tem memória de servir na cantina, e aprender a ordem de como se servia à mesa nessa época. Servia almoços a muitos ingleses que por lá iam. Ela diz que eles falavam consigo, mas ela não os entendia. Trabalhou também na balança da fábrica do tomate, que existia lá também nas imediações da Estação. Os pais e os tios de Idalina trabalharam lá, e o seu primeiro trabalho foi lá. Constata com tristeza a degradação contemporânea das casas em ruínas e da paisagem em transformação.

Outra entrevistada, Belina (85 anos), viúva e mãe de dois filhos que moram na região de Lisboa, viveu na Brandoa durante décadas e tem memória de muitas vezes ir apanhar o comboio à Estação da Chança. Conta que uma vez foi assaltada lá na estação enquanto esperava o comboio. Quando lhe mostrámos a fotografia do novo olival ficou “muito desgostosa” (comunicação pessoal, 9 de Dezembro 2020) ao visualizar a destruição das casas e da envolvente ao espaço da estação. Há mais de uma década que não visita a estação e herdade do Pereiro.

Conterrânea de Belina, Filipa nasceu há 70 anos no Monte da Pedra e começou a trabalhar no campo com 11 anos. Com a sua mãe e irmãos, trabalhou na herdade do Pereiro quase até casar, e teve várias funções, desde a fábrica do tomate ao trabalho no campo (Comunicação pessoal, 12 de Janeiro de 2021). Acha muito mal que a transformação da paisagem se esteja a dar deste modo por via da introdução da monocultura do olival super-intensivo, num lugar que teve campos de policulturas que davam emprego a ranchos de pessoas que no passado cuidavam dos tomates, pimentos, milheirais e outros alimentos, em campanhas sazonais que davam trabalho a mão de obra local e regional. Filipa lembra-se com ironia de como aos domingos de tarde a gare da estação se enchia de gente para bailes domingueiros organizados pelos próprios trabalhadores, os quais contratavam acordeonistas para animar musicalmente as tardes da juventude que tinha no domingo o seu único dia de folga.

Todos estes relatos acima referidos desvendam memórias de vidas humanas de co-construção de paisagem em tempos pretéritos ao do corrente processo de transformação paisagística da Herdade em cenários de plantação monocultural de olival. Mas as transformações sociais de transformação da paisagem não iniciaram apenas no passado recente. Já a última década do século XX assistiu a uma transição dos usos do espaço e regime de exploração da Herdade do Pereiro. Passava-se agora a um regime de exploração cinegética a favor de uma Associação

de Caçadores da Herdade do Pereiro de Chança, por um período de 8 anos, informação veiculada no Diário da República Electrónico (Portaria de 15 de Julho de 1992, disponível em <<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/617893/details/maximized>>). Para uma compreensão e entendimento do processo de continuidade sociocultural do território em análise, as vozes locais das pessoas entrevistadas mostram-nos que os anteriores memórias dos espaços são confrontadas com as fotografias que enquadram entre texto e que lhes mostrámos no final da entrevista. As reacções a esta nova paisagem foram de reprovação e/ou de resignação pela chegada da monocultura do olival super-intensivo. Um processo que decorre noutras partes do Sul de Portugal, e, como veremos em seguida, se relaciona com outras dimensões de análise.

O OLIVAL INTENSIVO E A PAISAGEM ALENTEJANA

A intensificação do capitalismo agrário em Portugal, tendo assento no Alentejo, dentre outros fatores foi favorecido pela concentração fundiária. Com densidade populacional de grandes extensões territoriais e concentração fundiária do tipo “grandes herdades”. A cultura de pastoreio, milenarmente presente no Alentejo se recuperou com a crise da produção cerealífera.

Nesta grande zona dominada por propriedades de muito grande dimensão, a economia do latifúndio baseava-se fundamentalmente na cultura dos cereais — com relevo particular para o trigo —, no olival, no montado de sobro e na criação de gado ovino e suíno em regime extensivo. Embora se recorresse predominantemente a tracção animal de muares e asininos e grande parte das operações culturais fossem ainda executadas manualmente, verificava-se desde o início dos anos 30 um processo continuado de difusão de técnicas e equipamentos que iam no sentido de facultar a substituição tanto da energia humana e animal pela de origem mineral, como de mão-de-obra pelo capital. De qualquer modo o desenvolvimento da mecanização verificar-se ia apenas depois da guerra de 1939-45, e com maior intensidade só na década de 60 (CALDAS, 1978, p. 73).

Dentre os setores da economia, cerca de 60% do Alentejo está ocupado com produção agrícola, sendo que os demais setores como o turismo, serviços e caça associativa (FAÏSCA, 2020, p. 18), estão correlacionados ou dependem direta

ou indiretamente deste (ESTATÍSTICAS AGRICOLAS, 2018, P. 61). Uma das culturas agrícolas de grande desenvolvimento desde meados da década passada é dos chamados olivais extensivos e superintensivos destinados a produção do azeite. Também a cultura dos amendoais que diferente das oliveiras, são plantas exóticas, também por este motivo mais nocivas ao meio ambiente, resultando numa maior degradação dos solos e uso intensivo de agrotóxicos (CAMPOS E PIRES, 2020, p. 173).

O processo de degradação ambiental está diretamente ligado a concentração de terra e renda, contemporaneamente proporcionada pelo modelo agroexportador, que por sua vez favorece e estimula o uso do trabalho precário. No Alentejo este modelo se traduz historicamente pela erradicação do montado⁴, conjugado com práticas agrícolas intensivas como exemplo os amendoais, mas principalmente a intensificação da cultura da oliveira, que por sua vez está intimamente ligada ao aniquilamento dos olivais tradicionais.

As árvores de oliveiras tradicionais são plantas resistentes e autóctones que preservam uma cultura agrícola milenar na península Ibérica. Portugal, juntamente com outros países da bacia do mediterrâneo tem uma centena de exemplares milenares, e milhares de outras tantas seculares⁵. A árvore é símbolo de beleza, longevidade e fortuna, tornando-se símbolo de status e distinção. Ter uma oliveira no jardim tornou-se sinal de status em todo o mundo. Desde o processo de erradicação das culturas tradicionais de oliveiras que sempre se conjugam com pousio, pastoreio e hortas, estas oliveiras milenares são arrancadas e vendidas no circuito internacional. Para se ter uma ideia são comercializadas dentro dum circuito nacional que começa no pagamento de uma árvore destas em torno de 300 ou 400 euros localmente, chegando a ser vendida por 800 euros no norte de Portugal, 2000 euros na Itália, chegando aos 4000 euros em Bombaim, ou ultrapassando este valor para ornamentação do jardim d'algum empresário chinês⁶, por exemplo.

⁴ O montado é um ecossistema antigo, dos mais delicados e ecológica e socialmente organizados do mundo, e que subsiste com maior e mais significativo assento no sul de Portugal, nomeadamente no Alentejo. São territórios que equilibram pastagens com agricultura e florestas nativas protegidas nomeadamente de árvores de sobreiro, azinheira e carvalhos. Trata-se paisagem e ecossistema protegido (FONSECA, 2008).

⁵ Uma das mais antigas oliveiras catalogadas em território português, apesar de não ser a única, fica nos arredores de Lisboa, em Santa Iria da Azóia no concelho de Loures. Considera-se que a árvore tenha cerca de 2.850 anos, dois mil e oitocentos anos. Em Pedras d'El Rey em Tavira existe outra com cerca de 2.200 anos, dentre outras espalhadas pelo país.

⁶ Com a construção da barragem do Alqueiva na década de noventa, e o alagamento que se iniciou em 2002, inundando muitos terrenos, grande parte deles com olivais tradicionais, centenas de oliveiras foram vendidas muitas delas a preços elevadíssimos para Japão, China, Índia e outras partes do mundo.

Em Portugal, existem pelo menos três formas diferentes de produção de azeitonas, ou de cultura de olivais. São os chamados olivais tradicionais, já que a oliveira é uma planta autóctone e que em terrenos planos como no Alentejo se faz com cerca de 200 plantas por hectare; os chamados “olivais intensivos” em que como o próprio nome faz referência intensificou a produção autóctone, marcada, principalmente com a entrada de Portugal na Comunidade Europeia e os incentivos do PAC — Política Agrícola Comum da Comunidade Europeia, são cerca de 800 plantas por hectare; e, nos atuais olivais superintensivos (ou intensificando a produção intensiva) cerca de 1200 plantas por hectare. Os olivais superintensivos demandam menos mão-de-obra, já que melhores adaptados estão face à tecnologia precisa das máquinas agrícolas. O investimento inicial deste último, é maior, apontam produtores, mas acaba por compensar, indicando melhores resultados que aparecem mais adiante, pois poupam mão-de-obra em todas as fases da produção. A cobertura mediática do fenómeno é visível em artigos como este, da Revista Visão (Pereira, 2017):

Em 2015, Portugal conseguiu a maior produção de azeite das últimas décadas, atingindo as 106 mil toneladas. Só recuando a 1961 podemos encontrar níveis de produção semelhantes. Entre 2009 e 2016, as nossas exportações de azeite quase triplicaram. O Alentejo é a região do País onde o olival mais tem crescido. A tendência de crescimento poderá continuar em alta, pois muitos hectares que foram plantados recentemente irão começar a dar fruto nos próximos dois a três anos. O maior operador português deste setor é a Sovena, uma empresa do grupo Jorge de Mello e proprietária do Oliveira da Serra, que tem produção em Portugal, com mais de 9 mil hectares plantados, em Espanha (1 500 ha) e Marrocos (mil ha). Tem ainda lagares nestes três países e é um dos maiores produtores de azeite do mundo.

Dado o modelo de exploração intensivo e super intensivo, a degradação ambiental, impacto sobre a paisagem e efeitos colaterais como a contaminação de rios, mananciais e represas tem sido tema recorrente mobilizando entidades públicas, associações e ONGs. Também promovendo uma discussão sobre o ordenamento do território, com objetivos sensíveis ao meio ambiente, saúde pública e respeito pelo uso público do espaço. A intensificação deste modelo de exploração agrícola tem alterado profundamente a paisagem rural alentejana que foi rapidamente afetada por este modelo de desenvolvimento que alia latifúndio, concentração de

riquezas (investimento) e consumo de massa. Perda de diversidade natural e de matéria orgânica ligada a erosão do solo e contaminação das águas e mananciais por empresas agrícolas que jogam dejetos em riachos⁷.

Esta paisagem, como é de se esperar, engendra uma outra situação, já que necessita, residualmente da mão-de-obra, prioritariamente imigrante, para execução de tarefas que a máquina não consegue operar.

Na entrevista realizada com Alberto Matos (CAMPOS e PIRES, 2020, p. 210) apontamos que o trabalho:

Nestes olivais intensivos é feito com máquinas, colheitadeiras que agitam os galhos. Neste processo cai muita azeitona para o chão, e deve ser recolhida. Depois de passarem as máquinas, os olivais ficam parecendo “cabelo despenteado”, aí é que vem a poda. Há aquelas máquinas gigantes dos espanhóis, mas que não são todos que têm, de qualquer maneira são intervenções que requerem bastante mão-de-obra para fazer o que a máquina não faz, ou não faz bem feito. Então é um processo que requer ainda muita mão-de-obra (p. 210).

Da observação realizada em Dezembro e Janeiro de 2020 à Estação da Chança e Herdade adjacente, são visíveis poucos, mas organizados trabalhadores, que se movimentam rapidamente no território, deslocando-se em veículos, e são representados como coveiros de uma antiga paisagem. A empresa agrícola, proprietária deste cenário é identificada como M***** — *Agropecuária Turística e Imobiliária Ltda.*, e segundo dados colectados na rede, terá sido constituída em 2000 como empresa por cotas, com vista à exploração agropecuária e produção animal, e, produção de azeite de oliva. Portanto esta será, segundo pudemos apurar, atualmente, a proprietária da antiga Herdade do Pereiro.

APEADEIRO OU ESTAÇÃO, QUE FUTURO? DISCUSSÃO

Este ensaio procurou explorar a transformação da paisagem no Sul de Portugal e seus impactos sociais. Diferentes autores (Silbert, 1966; Ribeiro, 1945; Feio, 1998) têm demonstrado os processos de continuidades na formatação do território

⁷ No transcurso do trabalho de campo realizado, ouvimos depoimentos de informantes anónimos que apontaram o caso de proprietários de terrenos recebem grossas somas em dinheiro pago por empresas agrícolas, para permitir o dejetos, ou rejeito, alguns com altos índices de produtos químicos, em suas barragens — açudes.

agrícola e paisagístico alentejano. O enfoque empírico centrou-se numa micro-região do Norte Alentejano, confinante com os concelhos de Alter do Chão e Crato. Exploramos memórias da ruralidade e(m) contextos de transformação paisagística motivados pela instalação no território de um olival (super)intensivo através de pesquisa documental e pesquisa etnográfica exploratória, materializada em práticas de observação directa exploratória, registos fotográficos do território envolvente da Estação da Chança (entre Novembro de 2020 a Janeiro de 2021). Complementarmente, foram realizadas duas entrevistas de grupo e 4 entrevistas exploratórias presenciais. A situação pandémica de confinamento obrigatório promulgada pelo Estado Português em Janeiro de 2021 motivou a suspensão (por tempo indeterminado) do processo de recolha presencial de dados etnográficos.

Neste trabalho deixámos, e assim esperamos, que os depoimentos e as imagens engendrem compreensões que escapem à dicotomia do saudosismo alimentado por vitalidades perdidas, ou pela obviedade nebulosa que sustenta o desenvolvimento. E assim sugerimos olhar para as paisagens que a realidade e o determinismo dos trilhos nos condicionam.

Para uma nova paragem simbólica, sugerimos a necessidade de descer numa nova estação, pensando na transitoriedade das paisagens proporcionada pelo comboio que escorre pelas linhas férreas.

Uma das sugestões que tem percorrido as mesas de debate nos últimos anos é a necessidade em repensar o modelo de desenvolvimento. Não é possível qualquer sustentabilidade ecológica, energética, paisagística e humana, primando por um modelo de crescimento infinito. Parafraseando o ecologista inglês *Kennet Building*: “Quem acredita ser possível um crescimento infinito num mundo finito, ou é louco ou economista”. A marca distintiva a que se conhece como “azeite português” tem animado o consumo de pessoas dos cinco continentes, com especial atenção na América, quer motivados pela inclusão no mercado de consumo, ou até em nome de uma suposta dieta mediterrânica mais saudável. Como nos lembra Álvaro Domingues, nos antípodas destas dinâmicas globais, no Alentejo “No entanto, o despovoamento continua com o aprofundamento do envelhecimento e a concentração demográfica nas principais cidades e vilas. Na agricultura trabalha gente do Brasil, da Roménia, da Ucrânia, da Moldávia, da China, do Nepal e de outros orientes. São os novos *ratinhos* do trabalho sazonal. Escravos do campo regado em tempos de globalização” (DOMINGUES, 2017, p. 229). Em contraponto face a esses mercados globais, está a condição humana de pessoas e(m) lugares como esta Estação/Herdade, que guardam memórias do seu passado enrodilhadas à vida da própria herdade e sua estação ferroviária. Estacionadas, ambas, à espera que um futuro alternativo chegue à sua Gare, e se materialize como cais de partidas para outras viagens mais sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rui Manuel Vaz (2015), *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- CALDAS, Eugénio de Castro (1978), *C. A Agricultura portuguesa no Limiar da Reforma Agrária*. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência.
- CAMPOS, Ricardo Luiz Sapia & PIRES, Ema (2020), “Imigração e Trabalho Precário no Alentejo (Portugal): A Atuação da SOLIM – Solidariedade Imigrante”. *Revista Tempos Históricos*, vol. 24, n.º 2, pp. 165-182.
- DOMINGUES, Álvaro (2017), *Volta a Portugal*, Lisboa: Contraponto, ISBN: 978-989-666-157-1.
- ESTATÍSTICAS AGRÍCOLAS 2018 (2018), Lisboa, Portugal: INE, IP. Disponível em <https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOES-pub_boui=358629204&PUBLICACOESmodo=2> [Consultado em 14.02.2020].
- FAÍSCA, Carlos Manoel (????), *A produção agrícola no Alentejo (1929-2018) uma primeira abordagem*. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/337902059_A_producao_agricola_no_Alentejo_1929-2018_uma_primeira_abordagem> [Consultado em 11.10.2020].
- FONSECA, Ana (2008), *O montado no Alentejo (Século XV a XVIII)*. Lisboa: Ed. Colibri.
- FEIO, Mariano (1998), *A Evolução da Agricultura do Alentejo Meridional. As Cartas Agrícolas de Gerardo Pery. As Difíceis Perspectivas actuais na Comunidade Europeia*. Lisboa: Colibri.
- RIBEIRO, Orlando (1945), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico*. Coimbra: Coimbra Editora.
- PIRES, Ema (2020), “Recuperative modes of action: Reciprocity, dependence and resistance to austerity policies in Rural Portugal”, MARTINEZ, Francisco (ed.) (????), *Politics of Recuperation: Repair and Recovery in Post-Crisis Portugal*, London, Bloomsbury, pp. 37-53.
- SILBERT, Albert (1966), *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l’Ancien Régime. XVIII.º début du XIX.º siècle: contribution à l’histoire agraire comparée*. Paris: SEVPEN.

OUTROS DOCUMENTOS

Diário da República Electrónico (1992), “Portaria n.º 722-O4/92” (Portaria de 15 de Julho de 1992, pp. 3330-(93) a 3330-(94), disponível em <<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/617893/details/maximized>>), “Apeadeiro de Chança” <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apeadeiro_de_Chança> [Consultado em 21.01.2021].

SANTOS, Paulo M. (2017), “Os novos agricultores que estão a mudar Portugal”, *Visão*, 14 de maio de 2017, disponível em <<https://visao.sapo.pt/actualidade/economia/2017-05-14-os-novos-agricultores-que-estao-a-mudar-portugal/>> [Consultado em 14.12.2020].